



**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NAS INTERAÇÕES
DISCURSIVAS**

Mara Lúcia Rodrigues Costa

Pedagogia

Universidade do Estado de Minas Gerais- UMEG/Barbacena

e-mail: mlrcosta@uol.com.br

Formação docente e práxis educativa

A identidade é um processo de construção, permeado por conflitos e embates que está em curso num contexto sócio histórico e se revela na forma como cada indivíduo se percebe na posição que ocupa dentro da sociedade. É nesta relação do sujeito com a sociedade, na mediação entre o pessoal e o coletivo, que o processo identitário é forjado. A construção identitária é mediada pelos signos, pelos atos, pelas trocas, pela comunicação entre os indivíduos. Dentro desta perspectiva pensamos em uma aproximação do processo de formação da identidade, neste caso específico a identidade docente, à formação linguística do sujeito com as ideias de Bakhtin.

Obra de Bakhtin (1995) e seu círculo partem de um pressuposto importante: colocam o sujeito como um agente com constituição sócio histórica, que não pode ser o resultado de um determinismo mecânico da estrutura, tampouco fruto de uma individualidade livre de coerções e autoconsciente. A constituição dos sujeitos ocorre no sentido do social para o individual, pela incorporação de disposições originadas através de regularidades objetivas, situadas na lógica de um determinado campo (família, classe social, ciência, religião, etc.) e que, ao mesmo tempo, são redimensionadas de acordo com a trajetória do indivíduo, bem como da posição que ele ocupa dentro em uma determinada esfera.

Bakhtin (1995), afirma que “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (p. 32), que o signo é “fenômeno do mundo exterior” (p. 33), é “criado por uma função ideológica e permanece inseparável dela” (p. 37). No seu domínio existem profundas diferenças, pois este é o domínio das representações. Sendo assim, cada campo tem o seu próprio modo de orientação da realidade e também a refrata a sua própria maneira. O signo só emerge do processo de interação entre uma consciência individual e outra. A consciência só se torna consciência quando é impregnada de conteúdo ideológico, isto é, somente no processo de interação social. Nas palavras de Bakhtin (op. cit) “A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (p. 35). Para ele, a palavra é o fenômeno ideológico por natureza (idem, p. 36). Ela é um signo que “acompanha e comenta todo ato social” (Bakhtin, idem, p. 37). Ela está presente em todos os atos de compreensão e



II COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

interpretar e será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sócias, capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas e efêmeras das mudanças sociais.

Para Bakhtin (1995) a comunicação está vinculada, por um lado, diretamente aos processos de produção, e por outro, às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas. De acordo com o autor, a realidade da palavra, assim como a de qualquer outro signo, é resultado do consenso entre os indivíduos.

Dentro dessa perspectiva o autor afirma, que a compreensão de todos os fenômenos ideológicos, por exemplo, o comportamento humano, não pode operar sem a participação do discurso interior. Assim como nenhum signo cultural compreendido e dotado de um sentido, fica isolado, ele torna-se parte da “unidade da consciência verbalmente constituída” (Bakhtin, idem, p. 38). Essa consciência se materializa por meio da interação verbal. Nas palavras de Bakhtin (idem), é justamente no meio ambiente dos atos de fala (as conversas de corredor, as trocas de opinião, nas diferentes reuniões sociais, ...) que se acham submersas todas as formas e aspectos de criação ideológica (p 39).

Para ele, as formas de interação verbal estão fortemente atreladas ao contexto social dado, e “reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social” (p.42). Segundo Bakhtin (1995), “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas” (p.43).

Segundo o autor, o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades da atividade humana e da utilização da língua “não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional” (Bakhtin, 1997, p. 279). De acordo com o autor, esses três elementos, conteúdo temático, estilo e construção composicional estão integrados de forma indissociável no “todo” do enunciado, e “são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (p. 279). Qualquer enunciado considerado isoladamente é sem dúvida, individual, “mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (p. 279).

Segundo Bakhtin (1997) há uma diversidade de gêneros do discurso, pois existem infinitas possibilidades de atividade humana, e cada uma comporta seu próprio repertório, que se diferencia e amplia na medida que as esferas da atividade humana se tornam mais complexas.



II COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO



A visão bakhtiniana de que o enunciado tem uma natureza social e que os gêneros do discurso estão atrelados às atividades humanas pode ser uma ferramenta metodológica que nos auxiliará a compreender a construção da identidade docente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1995) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. Sétima edição. 194p.

BAKHTIN, M. (1997) **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.